



Chrys Chrystello*

A invasão de Olivença

Quando a Turquia invadiu e anexou o Chipre para proteger os descendentes turcos, quer a Grécia quer a Turquia eram da NATO e a ilha 50 anos depois continua dividida.

Quando a Indonésia invadiu e anexou Timor era para combater os (seis) comunistas que lá viviam.

Quando a Rússia invadiu e anexou parte da Ucrânia em 2022 era para a libertar dos nazis.

Creio que usando esta nova Doutrina Putin ninguém levaria a mal se Portugal invadissem e anexasse Olivença, até porque sempre foi nossa e legalmente é nossa há séculos. Temos de defender os descendentes de portugueses que ali vivem dos espanhóis que a ocuparam ilegalmente. Não creio que a NATO viesse a intervir militarmente para nos expulsar

A 7 de maio celebraram-se 205 anos sobre a assinatura da Ata final do Tratado de Viena, em que Espanha se comprometeu à restituição de Olivença.



Derrotadas as ambições napoleónicas, reuniu-se o Congresso de Viena (setº 1814) com as principais potências da Europa à época - Grã-Bretanha, Áustria, Prússia e Rússia -, e Portugal, Espanha, Suécia, França. Os trabalhos prolongaram-se sendo a Ata Final assinada em 9 de junho.

Do Congresso de Viena haveria de emergir uma nova ordem europeia que regularia as Relações Internacionais no continente, a Ata Final do Congresso de Viena, no seu art.º 105, prescrevia:

“As potências, reconhecendo a justiça das reclamações formuladas por S.A.R. o Príncipe-Regente de Portugal e do Brasil, sobre a vila de Olivença e os outros territórios cedidos à Espanha pelo Tratado de Badajoz de 1801, e visando a restituição desses objetos, como uma das medidas apropriadas a assegurar entre os dois reinos da Península [Ibérica], aquela boa harmonia completa e estável que deve ser mantida entre todas as partes da Europa, ... de seus arranjos, se engajam formalmente a empregar dentro das vias de conciliação os seus esforços os mais eficazes, a fim de que a retrocessão dos ditos territórios em favor de Portugal seja efetuada; e as potências reconhecem, ainda que isso de qualquer uma delas, que este arranjo deva ter lugar o mais prontamente possível.”

Era deste modo, cancelado o Tratado de Badajoz, imposto a Portugal no contexto da Guerra Peninsular no final da chamada Guerra das Laranjas, pela força conjunta napoleónica e borbónica. A 7 de maio de 1817 a Espanha ratificaa Ata Final. Decorridos dois séculos, da ilegitimidade da sua posse sobre as terras oliventinas e da justeza das reclamações portuguesas, o Estado vizinho não soube honrar a sua palavra. A usurpação de Olivença, constitui grosseiro atropelo à História. OLIVENÇA É TERRA PORTUGUESA e por isso ninguém levaria a mal se lá fôssemos invadir e ocupar, sem precisarmos de exércitos ou outros meios belicosos...

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício 297713
(Australian Journalists' Association MEAA)



Alexandra Manes*

Notas dinâmicas

Dignidade para as pessoas doentes

O plenário de abril ficou marcado pela aprovação conseguida para benefício de pessoas doentes que, infelizmente, têm de se deslocar das suas ilhas para consultas, tratamentos e exames.

Claro que, como não se destinava a antecipar práticas taurinas – que parece ser o denominador comum entre alguns partidos, gerou polémica. Um apoio a pessoas doentes gerou polémica! A coligação não entendeu. PSD, CDS e PPM não compreenderam que pessoas que, por questões de saúde, necessitam de se deslocar da sua ilha de residência, necessitem de mais apoios do que aquele que está definido em portaria.

Tratou-se de algo tão simples e justo como alargar os apoios do Complemento Especial ao Doente Oncológico a pessoas pré e pós transplantadas, bem como a pessoas que, após as duas primeiras deslocações, seja reconhecida a necessidade de mais deslocações devido à sua doença.

A partir de agora, são mais 20 euros de apoio, direito a acompanhante e direito a receber uma percentagem da quantia total, à saída da ilha de residência.

Só mesmo quem não sabe o que é ter de se ausentar da sua casa, aumentando as despesas, pensando em como fazer face às contas mensais. Só mesmo quem nunca viu nos olhos, dessas pessoas, o desespero por irem sós. Só mesmo quem nunca ouviu o relato de refeições feitas à base de pão e bananas, pode argumentar que a proposta não fazia sentido. Só mesmo quem tem de agradar a sua cor partidária não manifesta a sua concordância com mais um apoio para pessoas doentes que têm de sair da sua casa, muitas vezes, desconhecendo o futuro de quem parte e de quem fica.

Nunca mais me esquecerei de ouvir “Será que as pessoas transplantadas com uma prótese na anca vão gostar de receber um apoio cujo título é para doentes oncológicos?”. Para esta questão, que quero acreditar se deveu mais a questões partidárias do que a ideia pessoal, há uma resposta: uma questão de designação impedia-lhe de obter apoios tão necessários para cuidar da sua saúde?

Provavelmente, falta muita empatia. Colocar-se no lugar do outro pode ajudar a ver o mundo de outra maneira.

De qualquer forma, nunca interpretarei isso como uma vitória do BE e dos partidos que contribuíram com o seu voto favorável para esta aprovação. É, sim, uma vitória para as pessoas que necessitam devido ao seu estado frágil de saúde, de se deslocarem com frequência a unidades de saúde fora da sua ilha de residência.

A manteiga e o queijo das Flores

Como sabem, ficou a ilha das Flores sem duas das suas marcas mais reconhecidas: manteiga e queijo. Já o lamentei e torno a fazê-lo. A forma como o Sr. Secretário Regio-

nal da Agricultura e Desenvolvimento Rural se apresentou com um discurso devidamente elaborado, para que o ónus da questão ficasse nas mãos de quem não recebia há meses, ficou-lhe muito mal. Na verdade, ficou gravado nas Flores, como aquele que trabalhou para encerrar uma fábrica.

Entretanto, nas Jornadas Agrícolas da Praia da Vitória, realizadas na passada semana, o professor José Matos deixou um alerta, utilizando o exemplo da ilha das Flores, afirmando a necessidade de se repensar o atual modelo de reconversão para carne da exploração leiteira e lamentando o facto de alguns serem incentivados a produzir e noutras ilhas não sejam ajudados a resistir!

Resta saber o que poderá acontecer com a Cooperativa do Faial, embora me pareça que o Governo Regional não queira, de forma alguma, confrontar Carlos Ferreira, atual Presidente da Câmara Municipal da Horta. Percebem a diferença?

A caldeirada do congresso do chega

Entre um mix de cenas à Preço Certo, só que em modo ofertas, assistimos a mais uma dose de incoerências, que Ventura deve estar a pedir para não serem identificadas.

Se por um lado, José Pacheco dizia que o povo açoriano o abordava para dizer que afinal, este governo é igual ao outro, por outro lado, Ventura, tentando justificar o conjunto de “hoje é que faço este governo de direita cair” com abordagens que as pessoas lhes faziam a pedir para não deixarem cair o governo... mas vocês, presidente e vice-presidente, conversam entre si ou somente trocam galhardetes, cachecóis e letras de hinos? Afinal, que vos dizem?

Mas, se algo ficou provado foi o facto de José Pacheco não ter autonomia para decidir o que fazer, sem lhe pedir autorização para tal.

O tal do centralismo e da falta de autonomia ficou bem clara quando José Pacheco pede ao Dr. Ventura para que a palavra final no Orçamento fosse a sua...mas, não tem José Pacheco autonomia para isso? Ou, afinal, obedece ao Dr. Ventura, o seu bom presidente, que está lá no continente?

Vergonhoso foi ver o secretário-geral do PSD manter-se naquela sala enquanto José Pacheco e Ventura, mais uma vez, chamavam as e os Açorianos de malandras e malandros!!

Já agora, e tendo um acordo de incidência parlamentar, tinha ficado bem a José Manuel Boleiro ter ido ao congresso do chega.

Vergonha ou indisponibilidade?

* Deputado na ALRAA pelo BE